

Monólogo
reverencia obra de
Chico Buarque



PÁGINA 3

O cult 'Lavoura
Arcaica' chega
ao streaming



PÁGINA 5

Leo Middea celebra
10 anos de música
no Manouche



PÁGINA 7

2º CADERNO

Pablo Bernardo/Divulgação

Filhas e viúva
de Marku Ribas
celebram vida,
obra e legado do
inovador músico,
morto em 2023

A brilhante trajetória do multifacetado Marco Antonio Ribas, mais conhecido por Marku Ribas (1947-2013), mineiro de Pirapora, é contada no espetáculo "Marku Musical", em cartaz no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (CCBB Rio). A vida e a obra, e toda a sua intensidade, a extensa produção que marcou o estilo característico do artista ousado e inovador no cenário da música brasileira que misturou o soul, o samba, o samba rock, jazz, funk, reisado, batuque e ritmos africanos dando mais ritmo e riqueza cultural de sons.

No palco, Marku estará sendo celebrado e muito bem representado pelas filhas do cantor, Lira Ribas e Júlia Ribas, que assinam, respectivamente, a direção, em parceria com Ricardo Alves Jr., e a direção musical, em parceria com Marcelo Dai. Elas também estarão no palco, ao lado da mãe e esposa de Marku, Fatão Ribas. O elenco conta, ainda, com o músico e ator Mário Broder, o músico nigeriano Ìdòwú Akínrúlí e Gabriel Mendes.

O texto do espetáculo parte de uma autobiografia inédita do artista e de memórias trazidas durante os ensaios pelos familiares. Mario Broder, cantor, compositor, multi-instrumentista carioca, dará vida ao artista nas temporadas do Rio e São Paulo.

"Estou em estado de celebração, pois representar Marku neste trabalho tão rico



O multifacetado Marku Ribas tem sua trajetória revista no espetáculo 'Marku Musical', em cartaz no CCBB

Um musical em família

de referências é um muito significativo. Desde cedo, ele sabia exatamente quem ele era, a sua vocação de grande artista, aquilo que muitos demoram uma vida inteira para encontrar ou morrem procurando. E eu me vejo dessa maneira. Me

reconhecendo e buscando me aperfeiçoar. Sem falar no processo de preparação, estar próximo da família, ter acesso a registros únicos, objetos, etc. Tantas coisas que ainda nem foram reveladas sobre o Marku é extraordinário e, ao mesmo tempo,

emocionante. Ouvir histórias de família, poder tocar o violão que pertenceu a ele... São partes do processo que a gente leva para a vida toda". Celebra Mario Broder, ator que dá vida ao saudoso artista no musical. **Continua na página seguinte**

Dramaturgia baseia-se em autobiografia inacabada do artista

Pablo Bernardo/Divulgação



A irmãs Lira e Júlia e sua mãe, Fatão Ribas, estão no elenco do espetáculo

O espetáculo revisita as lutas, graças e dilemas de um dos músicos mais importantes e influentes do Brasil, inovador e que sempre buscou resgatar referências ancestrais para valorizar a cultura mesclada pela diáspora de matriz africana. Além de reverenciar a trajetória de Marku. Utilizando elementos ficcionais e documentais, o espetáculo entrelaça teatro, música e cinema, baseado na autobiografia de Marku não publicada, em memórias familiares e em apreciações estéticas de seu legado e percorre a trajetória do artista em suas experiências em outros países, especialmente no Caribe, na América Central, e no continente africano.

“É uma obra que trabalha com uma linguagem que vai do teatro documental ao gênero musical, e uma encenação que mistura imagens captadas ao vivo, teatro e, claro, números musicais. “Estou feliz com o convite da família Ribas para dirigir ‘Marku Musical’. Marku é um dos grandes nomes da música popular brasileira”, diz o diretor Ricardo Alves.

O projeto propõe, uma reflexão sobre as culturas originárias e ribeirinhas dos interiores do Brasil e a troca cultural de matriz africana baseado em anotações deixadas pelo próprio Marku e um rico acervo de imagens e documentos que possibilitam levar para o teatro, a sua visão, seu olhar sobre as concepções de tradição, autoria e criatividade negra diante dos estereótipos impostos pelas indústrias fonográficas e de entretenimento. Lira Ribas, filha de Marku e diretora do espetáculo, fala do quanto é significativo para ela e sua família revisitarem essas memórias:

“É muito tocante para a gente, enquanto família, e uma família de artistas, após 10 anos da passagem de Marku, fazer um trabalho e falar sobre a força do homem preto africano trazia consigo e a força de um homem preto brasileiro que morou na Martinica e visitou a África, evidenciando essa trajetória e suas raízes em seu trabalho e percorrer um processo com a estreia de um espetáculo sobre a vida e a criação dele. E mais do que isso, é muito significativo também esses artistas estarem no palco juntas. Eu, a

minha irmã Júlia e a minha mãe, Fatão, com a direção de Ricardo Alves Júnior, grande parceiro de muitos trabalhos comigo”, destaca Lira Ribas.

Lira, aliás, relembra que o processo de pesquisa começou com a autobiografia de Marku, que chama “Marku por Marco Antônio”, que é uma autobiografia que foi escrita há alguns anos, antes do artista falecer, e que ele deixou inacabada. “As memórias dele, o que ele sentia e vivia, seus questionamentos, tudo foi aproveitado desse material que ele mesmo produziu, escreveu e utilizamos com fidelidade até o momento em que ele conhece a minha mãe, no momento que ele casa e tal, e depois dessa parte tinham fragmentos, partes que ele colocava de memórias, mas não numa ordem cronológica. Fomos revirar todo o acervo, que a gente, enquanto família, tem na nossa própria casa, uma salinha que a gente reservou para guardar o material dele.

A diretora do musical recorda que o pesquisador pernambucano Rafael Queiroz foi até Belo Horizonte e fez um levantamento

do material sobre Marku, produziu um verdadeiro dossiê para mostrar muitas coisas que seriam relevantes e importantes a serem utilizadas na construção do espetáculo.

“A partir desse material de pesquisa do Rafael, no acervo da família, mais a autobiografia e as memórias, tanto da família quanto de amigos, começamos a estabelecer uma ordem cronológica. Até como filha, é muito interessante eu pensar que foi a primeira vez que eu vi a vida do meu pai. É uma outra perspectiva, enxergar de fora”, diz Lira.

Para Lira Ribas, “é importante, é um revisitado, a gente vai vivenciando várias coisas, algumas situações que eu não vivi, que eu sabia por memória e tal. Mas, um dia, nós, elenco e direção, sentamos e fizemos um levantamento dessa história toda do Marku e todas as etapas e camadas. Conseguimos levantar coisas que a gente achava que seria interessante, como dramaturgia. E é isso, esse curioso foi a primeira vez que consegui ver a vida do meu pai, que é o personagem contado do início ao fim, e ver a grandiosidade, de fato, do trabalho dele como artista, mas também como pessoa, entender o quão família ele era, assim como que a vida dele é pautada em cima da paixão e amor pelo trabalho dele e pela família”.

“É muita coisa para se contar num espetáculo, nem a própria autobiografia dele comporta, consegue absorver tudo que ele deve ter vivido e entregado, mas a gente tentou entender dramaturgicamente o que era interessante das pessoas saberem como uma contação de história mesmo. São muitas datas, muitos nomes, episódios, tudo é muito interessante na vida dele. O público vai ter a chance de poder conhecer mais sobre Marku Ribas como as vivências dele em cada local que ele passou, viveu, produziu... Como a sua Pirapora (MG) cidade natal dele, as viagens internacionais para Martinica e New Orleans; a ida dele à França, África, que é essa terra-mãe onde que ele busca toda a sua ancestralidade, falar sobre a família, sobre os ancestrais, as pessoas antes dele, os avós, a avó indígena que também estabeleceu muito o que ele deveria ser depois, enquanto artista, então dessa forma a gente foi entendendo que seria interessante de contar”, comenta Lira.

SERVIÇO

MARKU MUSICAL

Teatro I - Centro Cultural Banco do Brasil (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

Até 2/2, de quarta a sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

Visto por mais de 20 mil espectadores nos palcos do país, o monólogo musical “Meu caro amigo”, com a premiada atriz Kelzy Ecard, volta ao cartaz depois de 15 anos de sua estreia. Com direção de Joana Lebreiro e texto de Felipe Barenco, o espetáculo, que reestrea na próxima segunda-feira (20) no Teatro Firjan Sesi Centro, revisita a história do país a partir de uma tocante homenagem ao compositor Chico Buarque de Hollanda. A peça ficou cinco anos em cartaz, viajou pelo país, sempre com sessões lotadas, encontro de gerações, e resposta afetuosa do público.

O autor Felipe Barenco, a diretora Joana Lebreiro e a atriz e idealizadora Kelzy Ecard decidiram remontar ao espetáculo ao perceberem a atualidade da trajetória de Norma, uma professora de história, apaixonada pelo Chico Buarque, que decide fazer um show para declarar todo seu amor ao ídolo. A encenação brinca com a alternância de músicas em suas versões originais e outras cantadas ao vivo. Mais de 30 clássicos buarquianos estão na trilha. O repertório cantado ao vivo pela atriz é acompanhado pelo pianista João Bitencourt.

“Sou muito fã do Chico, desde a adolescência. Ele foi – e é – trilha sonora de vários momentos da minha vida. Outro dia me peguei chorando vendo alguns vídeos dele e de outros artistas, por causa da beleza e grandiosidade da sua obra. Foi lindo o trabalho que fizemos de trazer a peça pros dias de hoje. Afinal, 15 anos se passaram pra nós, era inevitável ter outro olhar”, comemora Kelzy Ecard.

Trilha sonora de uma vida

Atualizado por seu autor, o monólogo ‘Meu caro Amigo’ acrescentou episódios recentes do país

Renato Mangolin/Divulgação



Kelzy Ecard dá vida a uma professora apaixonada pela obra de Chico

Na trama, Norma viveu as grandes transformações do país de forma intensa e apaixonada: a infância e adolescência em plena ditadura militar, a luta pela redemocratização com os colegas de faculdade e uma inesquecível história de amor no desbunde dos anos 80 com as Diretas Já. E mesmo nos momentos mais

difíceis, com uma relação familiar conturbada após o falecimento de sua mãe, Norma nunca se sentiu completamente sozinha: era como se Chico Buarque de Hollanda adivinhasse todos os seus sentimentos e criasse as músicas pensando nela. Agora, aos 60 anos, ela decide realizar um sonho acalentado desde menina:

Para se rir do trágico

Comédia musical ‘Maldita’ inspira-se nas tragédias gregas ‘Édipo Rei’, ‘Antígona’ e ‘Sete Contra Tebas’

Em se tratando de teatro, nada mais terrível do que uma tragédia grega, certo? Nem tanto. “Maldita”, comédia subversiva idealizada e encenada por artistas da Baixada Fluminense, explora a comicidade a partir de três dramaturgias clássicas: “Édipo Rei” e “An-



Stephany Lopez/Divulgação

Em sua nova montagem, os atores do Instituto Cultural Cerne exploram elementos de comicidade em textos de autores das tragédias gregas

tígona”, de Sófocles; e “Sete Contra Tebas”, de Ésquilo. Usando como inspiração grupos como Os Melhores do Mundo, Tã na Rua, Teatro Oficina e Monty Python, a montagem explora linguagens do melodrama e da paródia, reconstruindo as três tragédias de forma humorada, criando relações com dis-

cussões atuais e memes da internet.

“No contexto do espetáculo, um grupo de rebeldes resolve contar a história das tragédias a partir da própria perspectiva, tratando com ironia a relação entre o humano e o sagrado, escavando as tramas dos clássicos para provocar, inicialmente, reações acríicas

homenagear seu ídolo e cantar a trilha sonora de sua vida.

“Sempre foi marcante para a gente ver as pessoas voltando ao teatro trazendo outras – muitas vezes pessoas da família, de outras gerações. Isso é algo que me encanta no teatro, espetáculos que toquem em temas de memória coletiva e que promovam encontro de gerações. Esta volta é uma celebração à força e afetuosidade deste espetáculo. Percebemos que a peça continua muito impactante – algumas cenas referentes à época da ditadura continuam completamente atuais. São reflexões políticas e sociais que a gente se faz até hoje”, comenta a diretora Joana Lebreiro.

Apesar da atualidade do texto, o autor Felipe Barenco acrescentou algumas cenas que remetem à história mais recente do país. A vida de Norma é contada de 1966 a 2016. “Após 15 anos da estreia e por tudo que vivemos no país, politicamente falando de lá para cá, o espetáculo ganhou uma atualidade absurda. Tive a oportunidade de rever o texto com mais maturidade e acredito que o espetáculo retorna ainda mais forte e com toda a afetuosidade que conquistou o público. Todos os conflitos são apresentados pelo filtro familiar. Em tempos de tanto ódio, é uma peça que fala de amor”, acrescenta Felipe.

SERVIÇO

MEU CARO AMIGO

Teatro Firjan Sesi Centro (Av. Graça Aranha, 1)

De 20/1 a 25/2, às segundas e terças (19h)
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

do público, sob a premissa de rir da própria desgraça, e então desvelar os problemas desta intenção.”, explica Rohan Baruck, dramaturgo e diretor do espetáculo.

“Maldita” é uma realização do Instituto Cerne, de São João de Meriti, através da Escola Popular de Teatro da Baixada, e foi resultado das oficinas de Montagem Teatral e Direção de Arte. Com dramaturgia e direção de Rohan Baruck, o projeto leva ao palco 22 atores e atrizes de uma nova geração de artistas, que tocam instrumentos, dançam e cantam para fazer rir, além de também celebrar a força da economia criativa, a coletividade e seus parceiros.

SERVIÇO

MALDITA

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon)

Até 2/2, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h) | Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

CORREIO CULTURAL

Divulgação



Indicação ao Bafta fortalece corrida pelo Oscar

'Ainda Estou Aqui' é indicado ao Bafta, o 'Oscar britânico'

"Ainda Estou Aqui", filme de Walter Salles que rendeu a Fernanda Torres um Globo de Ouro de atuação, continua fazendo sucesso na temporada de premiações. Foi indicado ao Prêmio da Academia Britânica de Cinema (Bafta) como melhor filme estrangeiro. O Bafta, chamado de "Oscar britânico", é o principal even-

to de cinema do Reino Unido. "Ainda Estou Aqui" havia aparecido, no início do mês, na pré-lista do prêmio. A cerimônia acontecerá no dia 16 de fevereiro, em Londres. Na mesma categoria também foram indicados "A Semente do Fruto Sagrado", "Kneecap", "Emilia Pérez" e "Tudo que Imaginamos como Luz".

Troco nas redes

Brasileiros invadiram as redes sociais do jornal francês Le Monde após uma crítica negativa ao filme "Ainda Estou Aqui". O crítico do periódico, Jacques Mandelbaum, avalia a atuação de Fernanda Torres como "um tanto monocórdica".

Troco nas redes II

Segundo ele, a personagem Eunice Paiva fez o filme "passar com um traço leve demais pela compreensão do mecanismo totalitário". Muitos brasileiros não ficaram satisfeitos com a publicação e lotaram os comentários do jornal nas redes sociais.

Troco nas redes III

"Por acaso vocês são brasileiros para definir o que é 'suavizar' a ditadura? Por acaso vocês estão aqui? Atuação sem noção? Eunice Paiva iria ter qual reação com pessoas desconhecidas e armadas dentro da própria casa?", disparou um internauta.

Troco nas redes IV

Apesar dos comentários negativos do Le Monde, "Ainda Estou Aqui" recebeu elogios da imprensa francesa. "Um filme realizado com sutileza, que reafirma a necessidade da transmissão", defendeu a tradicional revista Cahiers du Cinema.



Cena da série 'Servant', de M. Night Shyamalan, exibida entre 2019 e 2023

Uma briga por direitos autorais

Realizador indiano M. Night Shyamalan é processado em ação de R\$ 490 milhões por plágio em série criada para a Apple TV em 2019

O diretor M. Night Shyamalan se tornou alvo de um processo milionário pela acusação de plágio na série "Servant", desenvolvida por ele para o streaming da Apple TV+. A diretora italiana Francesca Gregorini acionou a Justiça contra Shyamalan e a Apple e pede indenização de US\$ 81 milhões (R\$ 490 milhões na atual cotação do dólar).

A cineasta diz no processo que Shyamalan teria copiado elementos de seu filme "The Truth About Emanuel", lançado em 2013, para a série "Servant", exibida pela Apple TV+ entre 2019 e 2023. As

informações são da Variety.

Defesa de Gregorini afirma que "não existiria 'Servant' se não existisse 'The Truth About Emanuel'". O advogado Patrick Arenz citou como exemplo cenas da série e do filme sobre uma mãe delirante que cuida de uma boneca ao pensar se tratar de uma criança real, com a anuência de uma babá.

Processo foi impetrado na Justiça estadunidense em 2020, mas veio a público agora após Shyamalan ter comparecido no tribunal. Também compareceram no tribunal a produtora da série Taylor Latham, o chefe de programação da Apple, Matt Cherniss, e o criador de "Servant", Tony Basgallop.

Defesa de Basgallop alegou que "Servant" já estava em produção anos antes de a italiana lançar seu filme. Para ele, Gregorini quer a indenização milionária "por um trabalho que ela não fez". "A verdade é que os criadores de 'Servant' não devem nada à ela", afirmou a advogada Brittany Amadi.

Shyamalan, por sua vez, ficou por trás de seus advogados, sem se manifestar. O diretor, no entanto, ainda deverá testemunhar no caso, que segue em julgamento na Justiça dos Estados Unidos.

Jens Koch



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Com estéticas, temáticas e ambientações distintas, “Ainda Estou Aqui” (hoje com 3,3 milhões de pagantes em seus borderôs de receitas) e “O Auto da Compadecida 2” (que ultrapassou a marca de 3 milhões de ingressos vendidos) têm em comum a presença de um ator encarado como sinônimo de excelência... e (cada vez mais) de popularidade: o mineiro Selton Mello. Até em sua trajetória como realizador, ele soube emplacar blockbuster, vide a multidão (1.415.793 espectadoras/es) que prestigiou seu lúdico “O Palhaço” (2011).

Diante de todo o êxito que ele faz hoje em circuito, era de se esperar que streamings resgatassem as iguarias de sua carreira. A MUBI, por exemplo, foi fundo e descolou uma parceria dele com Júlio Bressane, sob a ótica de Machado de Assis: “A Erva do Rato”. É uma produção indie lançada no Festival de Veneza em 2008, de tons metafísicos no qual dois estranhos (Mello e Alessandra Negrini) se encontram num cemitério e embarcam numa ciranda de conversa e fotos, acossados por um camundongo.

No mesmo ano, o astro nascido em Passos (MG) estrelou o êxito comercial “Meu Nome Não É Johnny”, de Mauro Lima, que hoje bate ponto na Amazon Prime. Já a Netflix apostou em “Billi Pig”, um tributo do diretor José Eduardo Belmonte às chanchadas que inaugurou a Mostra de Tiradentes em 2012. Essa é uma seleção que traduz a pluralidade de Selton, cujo ferramental dramático só passou a ser notado (e celebrado) pelo cinema só em 2001, quando “Lavoura Arcaica” estreou. Depois de um longo período restrita a grade de cinematecas, essa joia caiu na streaminguesfera: tá no Globoplay.

Não se entende Selton sem ela, pois tudo de mais radical que ele gerou, atuando e dirigindo (como a série “Sessão de Terapia”), tem a adaptação do romance homônimo de Raduan Nassar como motor de arranque.



Divulgação

Depois de uma travessia por novelas como ‘A Indomada’, Selton Mello ganhou status de titã nas telonas com ‘Lavoura Arcaica’

A colheita de Selton

Inclusão do cult ‘Lavoura Arcaica’ no Globoplay ilustra a gênese da ousadia do ator, titular de dois fenômenos populares em cartaz, ‘Ainda Estou Aqui’ e ‘O Auto da Compadecida 2’

Seu enredo nasceu como literatura em 1975 e virou cinema pelas mãos de Luiz Fernando Carvalho (“A Pedra do Reino”), em filmagens iniciadas no fim dos anos 1990.

Em universidades, no âmbito acadêmico, a linguagem de Nassar foi saudada como sendo “uma revelação, dessas que marcam a história da nossa prosa narrativa”, segundo o professor e crítico Alfredo Bosi (1936-2021). Já o longa conquistou 52 prêmios mundialmente, em Biarritz, Havana e Montreal, tendo sido projetado no prestigiado Festival de Roterdã.

Recém-saído do devastador “A Paixão Segundo GH” (adaptação do romance homônimo de Clarice Lispector), Luiz Fernando é o mais revolucionário diretor novelas e microsséries que a TV brasileira já conheceu. Sua “Lavoura Arcaica” foi um divisor de águas na forma de se narrar com a luz (da câmera) neste país.

Em 1995, após cinco anos de

degrado nas atividades cinematográficas do país, por conta da extinção da Embrafilme (distribuidora e fomentadora), numa canetada do então presidente Fernando Collor, o filme “Carlota Joaquina – A Princesa do Brasil” reinaugurou o sonho de se filmar com continuidade e excelência no país. A vigência da Lei do Audiovisual abriu as comportas para novos talentos. Saído de novelas e de especiais cultuados, como o folhetim “Renascer” (1993) e o bague-bague “Os Homens Querem Paz” (1991), Luiz Fernando enveredou pelos longos dialogando, a partir de imagens em movimento, com a prosa de Raduan. Em seu lançamento, esse drama de timbre existencialista revolucionou noções plásticas de nosso audiovisual, na fricção do Tempo e do Espaço, conquistando seis Candangos no Festival de Brasília, incluindo o de Melhor Filme (empatado com “Samba Riachão”).

Espécie de estudo semiológico sobre a instituição família e sobre a ancestralidade, “Lavoura Arcaica” provoca um misto de euforia e desalento, quase como em um paradoxo. As duas sensações são afluentes de uma mesma e caudalosa água: a liquidez da transgressão. A euforia se dá pelo fato de o choque estético causado pelo discurso de Raduan em Luiz Fernando ter conduzido o cineasta a filmar da maneira mais pessoal possível, sem fronteiras mercadológicas e sem compromissos teóricos. A razão do desalento: a incômoda impressão de o longa parecer um caso isolado de invenção em nosso cinema, de uma potência jamais igualada.

Poucos foram os realizadores que se devotaram tanto à busca por uma sintaxe inovadora capaz de conciliar a fúria criativa da palavra literária com o apetite voraz da câmera. A feliz comparação deste diálogo do audiovisual com o texto de Raduan Nassar com “Limite” (1931), de Mario Peixoto, apontada em sua estreia, no site “No.,” pelo crítico Carlos Alberto Mattos, torna-se ainda mais pertinente conforme a produção contabiliza primaveras. Ambos falam de tempo. Ambos tratam tempo como Tempo, com o T maiúsculo que ressalta sua divindade.

Diamond Filmes/Divulgação



A atriz californiana Angelina Jolie recebe instruções do diretor chileno Pablo Larraín no set de 'Maria'

Divulgação



'No', de 2012, rendeu uma indicação ao Oscar para o diretor

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

De Pinochet às divas da resistência

Estreia de 'Maria Callas' amplifica a força da fase biográfica de obra de Pablo Larraín, diretor que repaginou a força audiovisual do Chile no planisfério cinéfilo com críticas à era Pinochet

Antes de filmar calvários de ícones femininos do século XX, como a ave canora da ópera Maria Callas (1923-1977), o chileno Pablo Larraín conversou com o Correio da Manhã nos corredores da festa do troféu Platino (então, em 2016, a sede foi o Uruguai), e fez uma prospecção sobre o cinema que viria a fazer dali para frente. O biopic da cantora lírica que ele lança nesta quinta-feira (16) no Brasil não estava em seus planos ainda, só "Jackie", em que escalou Natalie Portman como Jacqueline Kennedy Onassis (1929-1994), mas o realizador já refletia sobre um projeto estético:

"Eu faço política na tela quando escancarar feridas", disse o cineasta, nascido em Santiago, há 48 anos, enquanto brigava por laureas para "O Clube", que lhe rendeu o Grande Prêmio do Júri da Berlinale, ao falar de delitos (sexuais, sobretudo) de sacerdotes católicos.

Envolvido com o projeto "The True American", sobre os bastidores do 11 de Setembro, Larraín ganhou notoriedade a partir de 2008, quando tomou o Festival de Cannes de assalto com o suspense "Tony Manero". Narrava ali a história de um serial killer obcecado pelo herói marxista bailarino que fez de John Travolta um ídolo das telas, em 1977, à frente de "Embalos de Sábado À Noite". Antes, ele mobilizou salas no Chile com "Fuga" (2006), gestado sob a grife Fabula, nome da produtora que fundou em 2003 com seu irmão, Juan de Dios.

Era um tempo em que a América Latina passava por uma revisão de sua forma de narrar, que começou em 1998, depois do Urso de Ouro dado a "Central do Brasil", de Walter Salles. Na sequência, a Argentina (com Lucrecia Martel, Pablo Trapero e Daniel Burman) estourou mundialmente, em



Alfredo Castro em 'Tony Manero', lançado em Cannes, em 2008, por Larraín

especial após a consagração de "O Filho da Noiva" (2011), de Juan José Campanella. O México veio nessa mesma esteira, com os "Amores Perros" (2000), de Alejandro González Iñárritu.

A boa acolhida global a "Cidade de Deus" (2002), de Fernando Meirelles, com

quatro indicações ao Oscar, foi essencial para um movimento apelidado de Nouvelle Vague, que atraiu holofotes para a produção chilena em especial pelos esforços de Larraín.

Com a saga de Manero, ele arrebatou a crítica por sua abordagem da dissonância psiquiátrica de seu protagonista, escrito e interpretado pelo ator Alfredo Castro, que foi parceiro do cineasta em outros títulos também. No fim dos anos 2000, aquela trama chamou mais atenção ainda pela crônica que construiu das feridas governamentais do Chile após a interrupção da era Salvador Allende, em 1973. Esse Chile traumatizado era associado (e aterrorizado) pela figura ditatorial de Augusto Pinochet (1915-2006), estadista de farda que foi tema de vários enredos de Larraín, entre eles o impecável "Post Mortem" (2010), thriller que o aproximou do Festival de Veneza, após uma indicação ao Leão de Ouro. Esteve lá, no Lido, no ano passado com "Maria Callas". O turbilhão sentimental da cantora, estrelado por uma Angelina Jolie

em interpretação devastadora, voltou a lhe render resenhas elogiosas.

Só não foram mais intensas do que os elogios conquistados por ele na Croisette, via Quinzena de Cineastas, em 2012, quando lançou um de seus mais importantes sucessos: "No" (2012), com o mexicano Gael García Bernal. Ao reviver o plebiscito popular que votou pelo fim da gestão Pinochet, sob o (audacioso) uso da linguagem das câmeras de VHS da década de 1980, Larraín recebeu uma indicação ao Oscar e renovou as cartilhas da ficção política na América Latina. Com ele, a indústria cinematográfica chilena recuperou o diálogo popular com plateias internacionais que se perdeu ao longo da década 1990, mas que foi forte e firme nos primeiros anos da filmografia de seu conterrâneo Miguel Littin ("O Recurso do Método" e "A Viúva de Montiel"), entre 1969 e 1986.

Uma vez mais pelas trilhas da Quinzena de Cannes, Larraín firma um novo contrato com Gael, para narrar a vida de um pilar da poesia em "Neruda" (2016). Ali, dá a arrancada em seus ensaios biográficos de ícones femininos com o já citado "Jackie", seguido por "Spencer" (2021), com Kristen Stewart (no papel de Lady Di); e agora "Maria Callas". Em meio a esses títulos, arriscou-se por uma experimentação sobre o desejo ("Ema") e por um regresso ao fantasma de Pinochet ("El Conde", hoje na Netflix), a reatar laços com seu tema de fetiche. Tema que fez dele uma das vozes mais contundentes da indústria de DNA hispano-americano. Suas incursões pela Europa são igualmente sólidas.

Angelina Jolie entra em seu "Maria Callas" rodeada por uma dupla de colegas italianos em desempenhos colossais: Alba Rohrwacher e Pierfrancesco Favino. Eles vivem Bruna e Ferruccio, um par de empregados que acompanha o definhamento de La Callas no ocaso de sua carreira, na década de 1970, após a perda de sua potência vocal. O que se vê é a cartografia de uma implosão emotiva.

Dez anos de música em revista

Radicado em Portugal, o carioca Leo Middea passeia por sua discografia eclética nesta quinta no Manouche

Leo Middea, cantor e compositor carioca, celebra uma década de música com um show especial, de voz e violão, nesta quinta-feira (16) no Manouche, revisitando seus cinco álbuns de estúdio: “Dois” (2014), “A Dança do Mundo” (2016), “Vicentina” (2020), “Beleza Isolar” (2020) e “Gente” (2023).

Ao longo de sua carreira, Leo se destacou por mesclar bossa nova, samba rock, chanson francesa e música portuguesa, criando um som único e envolvente. Desde seu primeiro show solo em Buenos Aires, Leo tem encantado públicos por onde passa.

Mesmo sendo nascido no Brasil, Leo vive em Portugal desde 2017. Para o novo lar, ele levou fortes referências da música brasileira. Ele é um dos novos expositores da MPB e trabalha referências do estilo junto aos aprendizados sobre a música portuguesa.

Em 2024 completou mais de 100 shows no ano, com apresentações esgotadas em cidades da Europa e do Brasil. Tanto solo quanto com banda, Leo está sempre criando uma atmosfera que faz o público dançar.

Recentemente, foi o primeiro brasileiro a chegar à final do tradicional Festival da Canção em Portugal, conquistando o segundo lugar na competição de 2024, com a música autoral “Doce Mistério”.

SERVIÇO

LEO MIDDEA - 10 ANOS DE MÚSICA
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)
16/1, às 21h | Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia e ingresso solidário, levando um quilo de alimento não perecível ou livro a ser doado para o Retiro dos Artistas)

Ranking de execuções comprova força do sertanejo

Versão ao vivo de ‘Gosta de Rua’, de Felipe & Rodrigo, foi a a faixa mais ouvida no Brasil em 2024

A Pro-Música, entidade que representa as principais gravadoras e produtoras fonográficas do Brasil, apresentou ranking com as 50 músicas mais acessadas nas plataformas de streaming no Brasil em todo o ano de 2024. A faixa “Gosta De Rua (Ao Vivo)”, da dupla Felipe & Rodrigo, lidera o ranking. E “Me Leva Pra Casa/Escreto Nas Estrelas/Saudade de Mim (Ao Vivo)”, de Lauana Prado, e “Barulho Do Foguete (Ao Vivo)”, de Zé Neto &

Cristiano, completam o pódio no segundo e terceiro lugar, respectivamente.

Reforçando o domínio da música brasileira, 96% das faixas mais tocadas no país são de artistas nacionais, com apenas duas músicas estrangeiras no Top 50: “Beautiful Things”, de Benson Boone, e “Die With A Smile”, colaboração de Lady Gaga e Bruno Mars.

No Top 10, a força do sertanejo é eviden-



Leo Middea se destaca pela mescla de ritmos o como o samba rock, bossa nova, chanson francesa e música portuguesa

Virgin Music/Divulgação



Felipe & Rodrigo lideram a relação das 50 músicas mais tocadas no Brasil no último ano

te, ocupando sete das dez posições. Entre as 10 mais tocadas, a lista traz também duas músicas do segmento de música urbana (funk e

trap) e uma do pagode.

Estreante entre as 50 músicas mais tocadas no Brasil, a dupla Felipe & Rodrigo leva o sertanejo ao topo do ranking pelo sétimo ano consecutivo.

O levantamento da Pro-Música, compilado pela BMAT, é o único a combinar e ponderar dados de todas as principais plataformas de streaming no Brasil – Spotify, YouTube, Deezer, Apple Music, Amazon Music e Napster. Esse método proporciona a visão mais precisa e abrangente sobre os artistas e músicas mais ouvidos no país, sendo a referência mais precisa para o mercado fonográfico e toda a indústria musical.

O comprometimento das gravadoras no suporte de seus talentos também aparece no resultado dos certificados emitidos pela Pro-Música em 2024. No total foram emitidos aos produtores fonográficos 4.552 certificados de vendas, sendo 1.817 de ouro, 1.928 de platina e 807 de diamante.

Em cartaz no Estúdio Casarão, em Niterói, mostra do fotógrafo Breno Platais captura a essência dos cultos religiosos praticados nos terreiros da cidade



A exposição reúne registros visuais com técnicas de iluminação semelhantes às utilizadas em casamentos

Um olhar vibrante sobre o candomblé



O Estúdio Casarão, reduto de cultura em São Domingos, Niterói, recebe a exposição de fotografias “Candomblé das Águas Escondidas”, do fotógrafo Breno Platais. A mostra retrata a essência do candomblé, uma das manifestações mais marcantes da herança africana no Brasil.

O projeto reúne registros visuais com técnicas contemporâneas de fotografia, dedicando-se a documentar festividades e encontros religiosos passados e futuros em terreiros localizados na cidade de Niterói. O nome da exposição remete ao da cidade, pois Niterói significa águas escondidas em tupi-guarani.

“Um dos aspectos mais inovadores deste projeto é o uso de técnicas de iluminação com flashes, tradicionalmente aplicadas em eventos como casamentos e fotografia de moda. Com isso a exposição busca não apenas apresentar o candomblé de forma mais

profunda e pessoal, mas também capturar a energia e a emoção de suas cerimônias, revelando a beleza intrínseca dessa rica tradição cultural”, comentou Breno.

A curadoria da mostra fotográfica é de Paulo Batelli que chamou atenção para a sensibi-

lidade do artista. “Breno, através de sua lente fotográfica e com o auxílio da tecnologia digital, constrói uma narrativa sensível que desvela essa magia. Esta é a forma do autor expressar seu respeito e devoção à Cultura Africana”, comenta Batelli.

SERVIÇO CANDOMBLÉ DAS ÁGUAS ESCONDIDAS

Estúdio Casarão (Rua General Osório, 19 - São Domingos)
Até 22/1, de segunda a sexta
(11h às 16h)
Entrada franca